

CORREIO

NO MUNDO

YULIJA TROFIMOVA/MSF



Documento associa uso de drones a ataques de precisão

Drones russos miram socorristas em ataques na Ucrânia

A organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) divulga nesta segunda-feira (13) um relatório no qual afirma que forças da Rússia têm mirado profissionais de saúde e socorristas em ataques com drones na Ucrânia. O documento, chamado “No Safe Place to Heal” (“Não Há Lugar Seguro para Se Curar”, na tradução livre), descreve uma tática que chama de “duplo ataque”: uma primeira ofensiva atinge civis ou combatentes, atraindo socorristas para o local; minutos depois, uma segunda ação mira a resposta de emergência e as pessoas reunidas em torno dos feridos.

Segundo a MSF, isso transforma o ato de prestar socorro em um “risco letal” e obriga as equipes médicas a ponderar entre a vida do ferido e a possibilidade de um novo ataque antes de decidir se aproximar do local de um bombardeio.

Casos citados como exemplo pela MSF

Um dos episódios citados pela MSF como exemplo dessa prática ocorreu em 1º de fevereiro de 2026, quando um ônibus que transportava civis foi atingido por dois ataques sucessivos nas proximidades de Ternivka, na região de Dni-propetrovsk, no leste da Ucrânia, a cerca de 70 km da linha de frente. Segundo o relato de um cirurgião da organização, cerca de 12 pessoas foram mortas no local. Dos 16 feridos levados ao hospital, 9 foram classificados de “casos vermelhos” — pacientes em risco imediato de morte.

YULIJA TROFIMOVA/MSF



Escritório de MSF na região de Donetsk após ataque em 2024

Drones de mira em primeira pessoa utilizados

A organização também relaciona o uso de drones do tipo FPV (“visão em primeira pessoa”, que permite ao operador mirar o alvo com alta precisão) a ataques deliberados contra alvos médicos identificados. Um dos casos é o de Andrii Rebrov, diretor de um centro de atenção primária em Lyman, na região de Donetsk, que dirigia um carro “claramente identificado com uma cruz vermelha médica” para entregar medicamentos quando foi atingido por um drone. Rebrov perdeu uma das pernas, e a enfermeira Valentina Kolomatska também ficou ferida.

Falta de distinção entre alvos

Coordenador geral da MSF na Ucrânia, Robin Meldrum afirma à reportagem que o ataque em Lyman ilustra uma tendência que a organização observa in loco há mais de quatro anos. Segundo ele, o que mudou não foi a falta de distinção entre alvos civis e militares, o que ocorre desde o início da guerra, mas o volume de ataques e as táticas empregadas.

Por Luana Lisboa (Folhapress)

Xeque Al Thani

O xeque Hamad bin Khalifa Al Thani, ex-monarca que supervisionou a transformação do Qatar de uma península desértica pouco conhecida no Golfo Pérsico em um país com vasta riqueza e influência global, morreu no domingo (12) aos 74 anos. Sua morte foi anunciada pela corte real, que não especificou a causa.

Qatar virou potência

O país declarou um período de luto público de quatro dias. Hamad é frequentemente descrito como o pai fundador do Qatar moderno.

Quando derrubou seu pai em um golpe sem derramamento de sangue em 1995, o Qatar era rico em gás natural, mas amplamente subordinado à vizinha Arábia Saudita.

Investimentos em gás

Hamad ajudou a inserir uma mentalidade mais independente, com influência política e financeira muito maior do que seu tamanho, antes de passar o poder para seu filho, o atual emir, em 2013. Durante seu reinado, o produto interno bruto do país cresceu 24 vezes, impulsionado por investimentos para desenvolver a indústria de exportação de gás natural.

Gustavo Petro

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, proibiu que seu sucessor, Abelardo de la Espriella, tome posse em uma instalação militar. A legislação do país estabelece que a cerimônia aconteça no Congresso, localizado em Bogotá. Sem maioria própria no Legislativo, o ultradireitista pediu ao Congresso autorização para realizar da cerimônia de posse em um complexo militar.

Troca de poder

A proposta reflete seu discurso linha-dura a favor das forças de segurança e poderá representar mais um embate com Petro desde as eleições. A troca de poder na Colômbia está sendo marcada por desavenças e incertezas após Espriella anunciar a suspensão do processo de transição do cargo em resposta à recusa de Petro em aceitar o resultado do pleito.

Polêmica política

Petro, que foi o primeiro presidente de esquerda do país, anunciou que não permitirá a mudança. “No exercício de minhas faculdades constitucionais e legais, ordeno que nenhum estabelecimento militar sirva para uma posse de um presidente da República”, afirmou ele em um post. O ato está previsto para o próximo 7 de agosto.



Presidente dos EUA, Donald Trump instituiu cobrança de pedágio no Estreito de Hormuz

Trump anuncia novo bloqueio ao Irã e pedágio em Hormuz

Teocracia persa diz que não aceitará interferência americana na região

Em meio à renovada troca de ataques com o Irã em torno do estreito de Hormuz, o presidente Donald Trump afirmou nesta segunda-feira (13) que os Estados Unidos vão retomar o bloqueio aos navios iranianos na via marítima e que pretende cobrar um pedágio para manter o tráfego na região.

“Nós vamos manter o controle do estreito e provavelmente administrá-lo. Seremos os guardiões do estreito. Talvez o anjo da guarda do estreito. E deveríamos ser reembolsados por isso”, afirmou o republicano à Fox News.

Depois, em rede social, disse que gostaria de cobrar 20% sobre toda carga transportada por lá, o que parece um despropósito.

“Nós estamos reinstalando o bloqueio iraniano, assim chamado porque só vai parar navios ou clientes iranianos de entrar ou sair. Todos os outros países terão o uso aberto e livre do estreito. Por uma questão de justiça, nós seremos reembolsados, em uma taxa de 20% de toda a carga transportada, por qualquer custo necessário para fazer o trabalho de prover segurança nessa área muito volátil do mundo”, escreveu.

O Irã, por sua vez, respon-

deu em um comunicado de seu comando militar conjunto. Afirmou que não permitirá que os EUA atuem na região. Disse que irá atacar qualquer embarcação que não tiver sua autorização para passar por rotas designadas, e advertiu os vizinhos que ajudar os EUA trará retaliações —o apoio será visto como “um ato de guerra”.

Trump já havia feito menção a controlar o tráfego marítimo na rota por onde passava um quinto do petróleo e do gás natural do mundo antes do início da guerra lançada pelos EUA e Israel contra a teocracia, em 28 de fevereiro.

Na mais recente fala, no fim de junho, ele havia dito que não deveria haver pedágio para o trânsito de navios na região, como o Irã quer, mas que se houvesse ele deveria ser pago pelos países aos EUA.

Não há hoje força militar americana suficiente na região para criar um corredor de passagem à prova de ataques iranianos, mas antes do cessar-fogo de 17 de junho os EUA já haviam imposto um bloqueio naval a embarcações da teocracia. Ele teve bastante sucesso em pressionar Teerã.

Por Igor Gielow (Folhapress)